
**EM BUSCA DE RIQUEZAS PARA O IMPÉRIO:
A EXPEDIÇÃO DE VICENTE JORGE DIAS CABRAL**

Mariana Lopes Chaves¹

Introdução

O período caracterizado como Reformismo Ilustrado, que abrange o final do século XVIII e início do XIX, marcado por reformas desenvolvidas pelo governo português de elaboração do pensamento e suas aplicabilidades, feita através da utilização de luso-brasileiros² formados na Universidade de Coimbra, que foram contratados para desenvolverem trabalhos científicos, viajando pelos territórios coloniais portugueses da América e da África, trazendo a luz novas ideias para produção de obras que subsidiaram as chamadas expedições científicas. Partindo dessa ideia discuto o Reformismo Ilustrado português e as características das chamadas expedições filosóficas, para compreendermos a inserção da capitania do Maranhão nas diretrizes do Reformismo Ilustrado de Portugal, durante o ministério de D. Rodrigo Sousa Coutinho. Trazendo como foco a expedição chefiada por Vicente Jorge Dias Cabral, luso-brasileiro, que junto do Vigário Joaquim José Pereira viajou pela capitania na virada para o Oitocentos.

Fernando A. Novais (1979: p. 8-9) descreve que os “esforços de reconstrução” do Império, relacionados ao reinado de D. Maria e da regência do Príncipe D. João, período considerado complexo e que mereceu especial atenção nas últimas décadas. Oferecem um contraponto interessante à noção de “obscurantismo” do período da “Viradeira”, caracterizado como avesso ao desenvolvimento científico e as reformas iniciadas por Pombal. Analiso a

¹Aluna de graduação do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual do Maranhão UEMA, Bolsista PIBIC/CNPQ. E-mail: marianalc87@hotmail.com

²A elite intelectual luso brasileira era composta por ex-alunos da Universidade de Coimbra formados em Direito e Naturalista, por cursarem as cadeiras de Filosofia e Matemática muitos deles nascidos nas próprias colônias da América Portuguesa, da África ou da Ásia e típicos representantes da época das luzes eram enviados aos quatro cantos do império colonial, para exploração científica. In: PEREIRA, Magnus R. de M.; CRUZ, Ana Lúcia R. B. .Os colonos científicos da América Portuguesa: Questões historiográficas. *Revista Hist. Reg.* V19, i1.001. Rio de Janeiro. 2006

partir de uma nova discussão de continuidade das reformas econômicas, durante a regência de Dom João, com alargamento dos trabalhos científicos.

A figura de D. Rodrigo de, que chega a Ministro da Marinha e Ultramar, substituindo Melo e Castro depois de seu falecimento, em 7 de setembro de 1796, na regência de D. João, dando continuidade a política de ampliação do conhecimento. Sousa Coutinho era “visto como homem de duplas preocupações tanto referente às perspectivas de política externa e à organização dos saberes. E como exemplo desse fato tem a criação da Casa Literária do Arco do Cego” (CURTO, 1999: p. 15-17). Formulou programas que oferecessem prolongamento às reformas que já vinham sendo realizadas e procurou integrar os luso-brasileiros em suas ações de governo.

A ilustração portuguesa torna-se necessária devido a dois aspectos: o atraso econômico e o isolamento cultural, uma vez que “os países ibéricos iam sendo cada vez mais ultrapassados pela França, pela Holanda e pela Inglaterra” (NOVAIS, 1984: p.105). A partir do século XVIII, a preocupação dos portugueses com o atraso em relação à Europa, vem se intensificando e tornasse preciso identificar quais pontos eram necessários para se efetuar a reforma.

Maria de Lourdes Vianna Lyra (1994, p.63) enumera algumas dessas questões de imediato conserto contidas em várias memórias e ensaios e que deveriam ser desenvolvidas: melhor preparo técnico para aumento da atividade mineradora; maior incremento da agricultura e do comércio no território colonial, dentre outras. Essas questões seriam solucionadas através dos reparos, onde o ministro se preocupava na utilização do intelectual para o desperta econômico e político, assim como, para a produção de impressos, que também serviriam de subsídios para as expedições.

Observarmos que a produção sobre a história da ciência é feita com base nos países que são ou foram potências econômicas, acredito que seja devido à utilização das bibliografias norte-americanas ou europeias. “O que faz com que os brasileiros sintam-se apenas usuários da ciência que aparentemente parece ser produzida fora do país, salvaguardando algumas exceções como: Santos Dumont, Oswaldo Cruz, Cesar Lattes, etc.” (PEREIRA; SANTOS, 2012: p. 19). Portanto a História na Ciência vem se desenvolvendo trazendo a figura de vários luso-brasileiros que contribuíram com seus estudos para o avanço da economia do Império utilizando o conhecimento científico.

Assim, pretendo articular melhor o debate sobre esses colonos, suas explorações pelo território colonial e os trabalhos desenvolvidos por eles, através da interpretação dos relatos

dessas expedições, ajudando na construção das imagens desses colonos como cientistas. Revisando de certa forma, o desconhecimento dos trabalhos científicos desenvolvidos pelos luso-brasileiros, durante o período colonial para nos historiadores. Ajudando então na compreensão da referida expedição de Vicente Jorge Dias Cabral.

O Reformismo Ilustrado português

Na segunda metade do século XVIII, muitos luso-brasileiros foram enviados a Universidade de Coimbra pela Coroa portuguesa, após a grande reforma levada a cabo pelo Marquês de Pombal. O Reformismo Ilustrado possibilitou uma nova perspectiva para os estudantes, com novas ideias que possuíam a principal intenção de tornar Portugal um Grande Império, a partir do desenvolvimento do território colonial com os incentivos aos estudos desses colonos. D. Rodrigo de Sousa Coutinho é reconhecido pela historiografia como um dos maiores estadistas portugueses do final do século XVIII. “Nascido em 1755, teve uma formação privilegiada no Colégio dos Nobres e na Universidade de Coimbra que haviam sido reformadas por seu padrinho, Sebastião José de Carvalho e Melo, o marquês de Pombal” (SANTOS, 2009: p. 214). Era um homem de projetos e incentivador de estudos, que visavam à produção de pesquisas para fabricação de impressos de grande importância, para a agricultura e os estudos produzidos contribuíram com as expedições, que seriam também denominadas de viagens filosóficas, com o objetivo de ir à procura de riquezas para o Império Português.

A compreensão desses fatos está atrelada a análise da situação de Portugal no início do Setecentos e todas as medidas que vinham sendo feitas desde Pombal que visavam retirá-la da crise, melhorando sua situação no sistema colonial. Marquês de Pombal começou as mudanças durante sua administração, seus esforços foram o que causaram maior efeito na Metrópole portuguesa, mas como se deu a continuidade dessa gestão com o reinado de D. Maria e depois na regência de seu filho D. João. Fernando A. Novais, autor do livro *Portugal e Brasil na Crise do Antigo sistema colonial* (1777-1808), aborda que a historiografia portuguesa, no que se refere ao reinado de D. Maria I, considerada um período retrógrado, devido seu caráter anti-pombalino, mas o autor ressalta que a época da *Viradeira*, teria sido mal interpretada pelos historiadores que ficaram apenas presos a esse aspecto. Portanto, o que deve ser levado em consideração são os atos da política colonial do período mariano, que estavam rodeados de preocupações maiores, referentes à posição de Portugal em relação ao

conjunto de sistema de exploração colonial da economia europeia e outras ameaças que rondaram todo esse período. O reinado de D. Maria I deve ser visto com um viés mais amplo, e de continuidades das medidas reformistas começadas por Pombal, nos permitindo entender todas as medidas e sua intenção de desenvolvimento da economia da metrópole.

D. Rodrigo de Sousa Coutinho, quando se torna Ministro da Marinha e do Ultramar durante a regência do Príncipe Dom João, estava convicto “de que as luminosas reformas que seriam executadas por homens inteligentes, e capazes de formar sistemas bem organizados, poderiam superar os imensos problemas com que se defrontava o governo português” (MAXWELL, 2009: p.325). Referindo-se aos luso-brasileiros, se bem organizado seria possível superar os problemas que o governo português enfrentava, em relação aos “impasses entre França e Inglaterra, enquanto isso continuava com sua neutralidade, ensaiando novas soluções” (CURTO, 1999: p. 15-49). Fazendo-nos refletir que todas essas medidas faziam parte de um plano de astúcia em relação à política externa.

Várias mudanças estruturais feitas por D. Rodrigo de Sousa Coutinho com ajuda dos luso-brasileiros, o projetos de fomento dos estudos sobre história natural no Império tras como principal contribuição: a Tipografia do Arco do Cego fundada por Sousa Coutinho, em 1799, com a finalidade de difundir conhecimento de ciências naturais e da agricultura, “na direção do novo empreendimento foi entregue a frei José Mariano da Conceição Veloso (1742-1811), um religioso franciscano de origem brasileira, que alcançara certo renome como botânico” (LEME, 1999: p.77-78). Esses estudos possuíam como objetivo desenvolver em vários aspectos a tradução e a produção de obras que tratavam de uma série de temas sobre várias riquezas naturais que proporcionaram o desenvolvimento de técnicas agrícolas e serviriam para que os naturalistas as consultassem durante as expedições. Com a iniciativa de Sousa Coutinho e a gestão do Frei Veloso, a Casa Literária objetivava difundir saberes sobre a agricultura na Colônia possibilitando a prosperidade econômica da Metrópole, e sucesso das expedições.

Maria Odila da Silva Dias (1968, p.105-114) em seu artigo *Aspectos da Ilustração no Brasil* escreve sobre as atividades dos colonos formados na Universidade de Coimbra no final do século XVIII. Em sua análise a autora aborda como foi difundido o pensamento ilustrado, as pesquisas desenvolvidas para a renovação das técnicas de agricultura e, em vários casos a preocupação desses colonos de desvendar as riquezas do império, em prol do avanço do projeto de desenvolver o Império e o território colonial, aproveitando-se dos conhecimentos que a ciência colocava aos seus alcances. Esses estudos eram feitos pelos naturalistas com

base nas investigações escritas nas memórias e correspondências, feitas por seus companheiros de ofício. Referente a viagens que outros naturalistas, já haviam participado elencavam principalmente orientações sobre “a utilização dos produtos naturais como algodão, quina, salitre, fumo e sistematizar outras técnicas como a arte de fazer cola.” (DIAS. 1968: p. 212). Possibilitando que outros naturalistas fizessem estudos comparativos e sistemáticos.

Dessa forma podemos compreender que as produções das memórias nas viagens possuíam uma via de mão dupla, ou seja, as obras escritas por esses luso-brasileiros publicadas no Arco do Cego serviam de subsidio na orientação para as viagens filosóficas. E as descobertas feitas e registradas nas memórias, pelos naturalistas eram utilizadas para a produção de novos trabalhos.

“As expedições possuíam o caráter de explorar o interior da colônia em busca de várias informações sobre as riquezas naturais, algumas delas preocupadas com as enfermidades endêmicas dos rios, como exemplo a expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira, pelo interior do território colonial” (DIAS, 1968: p. 143). Outras Expedições com propósitos semelhantes também foram contemporâneas, como a organizada por Vicente Jorge Dias Cabral, no Maranhão. Os chamados colonos cientistas³ estavam sempre atentos a toda a ciência europeia e dedicavam-se em particular a publicação de traduções de manuais sobre ciências naturais e técnicas aplicadas à agricultura. As obras serviam contribuiram com essas investigações e novos campos de pesquisa, principalmente o desenvolvimento da agricultura e da medicina.

A importância de se desenvolver que as obras traduzidas e produzidas objetivavam as ideias sobre explorações das riquezas e desenvolvimento econômico, através da ligação entre a Metrópole e a Colônia. Colocando o governo português como agente intensivo, na organização de diversas expedições científicas nas colônias na América e África. E esclarecendo o que, o “olhar historiográfico permaneceu desatento para a atuação dos demais cientistas brasileiros do século XVIII que, simultaneamente a Alexandre Rodrigues Ferreira, que realizaram expedições em outras porções do Império, com os mesmos objetivos e sob a mesma orientação do mestre de História Natural da Universidade de Coimbra, Domingos Vandelli.” (PEREIRA; CRUZ, 2006: p.25). Demonstrando-nos a importância de se trazer como foco outras viagens filosóficas, feitas por luso-brasileiros enriquecendo nossos estudos.

³Era expressivo o numero de luso-brasileiros devotados às ciências naturais e encarregados de missões científicas específicas. Permitindo pensá-los como uma geração de cientistas-colonos. Cf. Magnus Pereira e Ana Lúcia Cruz (2006).

D. Rodrigo de Souza Coutinho e toda sua equipe de bacharéis movimentando-se pelo território colonial em suas expedições, “a procura de recursos naturais e riquezas que ajudasse na prosperidade do Império e difundisse o conhecimento desses letreados por todas as colônias portuguesas principalmente no Brasil” (PEREIRA; CRUZ, 2006: p.25). Visto a necessidade de reformas, que garantissem o desenvolvimento do Império Português, diante dessa ampla difusão das luzes, letreados luso-brasileiros recém-formados da Universidade de Coimbra foram recrutados pela coroa portuguesa para que fossem criadas novas formas de aproveitamento das riquezas do império.

Os naturalistas mais conhecidos que participaram de viagens filosóficas neste período foi Manuel Arruda Câmara (Ceará), João da Silva Feijó (Cabo Verde), Francisco José de Lacerda e Almeida, enviado à África com a missão de atravessar o continente, de Moçambique a Angola e Alexandre Rodrigues Ferreira a Amazônia. Novos estudos vêm trazendo esses viajantes como colonos-cientistas desenvolvendo atividades em campo, explorando as possíveis riquezas naturais para a medicina, agricultura e também contribuindo para produção de obras.

Vicente Jorge Dias Cabral, nascido em Tejuco, atual Diamantina, Minas Gerais, estudou na reformada Universidade de Coimbra. Lá cursou Direito, Matemática e Filosofia Natural, tornando-se bacharel e naturalista. Dias Cabral fez parte da segunda leva de luso-brasileiros coimbrãos mobilizada pela coroa portuguesa. “Depois de formado, foi para São Luis do Maranhão e durante os dez meses que assim permaneceu, o naturalista foi o encarregado do Horto botânico da cidade. No final de 1799, foi enviado, junto com o padre Joaquim José Pereira, para explorar os sertões nordestinos em busca de salitre natural e da quina do Piauí.⁴”

Pensando a partir do que Maria de Lourdes Viana Lyra (1994, p. 20-21) escreveu sobre que “as relações deveriam pautar-se, não mais no sistema usual de dominação de metrópole sobre colônia, mas uma relação de *parceria* de Estados iguais.⁵” Percebemos que a preocupação da unidade do mundo português fazia parte dos projetos políticos e econômicos encaixado no “programa de reformas”, onde o objetivo era a formação de um poderoso império, que a historiografia vem nomeando de um império luso-brasileiro, unificando as motivações do governo português com as ações dos colonos-cientistas.

⁴Alguns dados biográficos sobre os personagens podem ser consultados em Tiago Bonato (2007, p. 28-36).

⁵O novo império português aparece como um todo composto por partes ligadas a um centro comum, inicialmente na Europa e, após 1808, no Rio de Janeiro, que visava garantir a unidade nacional portuguesa e a prosperidade geral. Cf. Maria de Lourdes Viana Lyra (1994, p. 20).

Ao se tratar das expedições e a produção de impressos como ações governamentais portuguesas, sendo empreendidas as produções de obras através dos registros das expedições. Analisamos no ministério de Sousa Coutinho certa noção de circuito, se diferenciando acrecido de ministros que o antecederam, sobretudo na relação entre o ministro e os governadores. Na expedição de Vicente Jorge Dias Cabral que contou com a ajuda e incentivos do Governador e capitão-mor do Maranhão e Piauí Dom Diogo de Sousa,⁶ nos ajuda a entender como ocorreu esse circuito. Doutor em matemática pela Universidade de Coimbra, Dom Diogo ao que parece ser eximiu seguidor das políticas do Ministro Dom Rodrigo de Sousa Coutinho. Nas trocas de correspondências Dom Diogo de Sousa com o ministro, preocupasse em incumbir, logo a missão a Dias Cabral para chefiar a expedição sobre a procura do salitre. (AHU D.8264). Seus relatos nas correspondências se tratavam principalmente aos escritos de Dias Cabral e as suas remessas que lhe enviava contendo amostra de salitre, sal de Glauber e plantas como a Quina.

Para analisarmos mais informações sobre a expedição chefiada por Cabral, ainda pouco estudada, mas de grande importância para nossos estudos sobre a capitania do Maranhão e Piauí durante o período da Ilustração, transcrevi junto com outros membros do Núcleo de Estudos do Maranhão Oitocentista (NEMO), documentos do Arquivo Histórico Ultramarino referentes à organização da expedição de Vicente Jorge Dias Cabral, bem como os registros dos resultados dessa expedição, preservados pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Seção de Manuscritos. Nesses documentos, identificamos algumas informações sobre os naturalistas e tentamos sistematizar os dados sobre a referida expedição chefiada por Dias Cabral na companhia do Vigário de Valença, grande convededor da história natural.

Os viajantes e as riquezas naturais para o Império

O período aqui estudado traz como destaque a importância dos materiais que poderiam ser encontrados pela Metrópole para o desenvolvimento econômico e dos conhecimentos científicos. No século XVIII, muitos viajantes percorreram o território colonial com equipes de naturalistas e desenhistas coletando espécies de todos os reinos, isso seria feito nessas viagens, também deveriam realizar a análise e registros de seus “estudos”. A expedição chefiada por Vicente Jorge Dias Cabral, luso-brasileiro, que junto do Vigário Joaquim José

⁶ Dom Diogo de Sousa seria esperado para nomeação, confiada outra vez a um dirigente que fizesse retornar aquele regime de respeito, austeridade, paz e progresso que caracterizara o governo de Melo e Póvoas. (1761-1788) (MEIRELES,1979, p. 17).

Pereira viajou pela capitania do Maranhão explorando as potencialidades da região, foi uma das viagens filosóficas que saíram a procura de riquezas para o império. Partindo dessa discussão, analisamos algumas características que Ronald Raminelli (2008, p.97) observa sobre as Viagens:

Para ser filosófica, uma viagem deveria promover o avanço da ciência, descobrir leis, a lógica do criador, que estavam escondidas no mundo vivo. Mas a história natural não reunia apenas estudos das espécies, mas incluía conhecimento para manipular minerais, domesticar plantas e animais. Os naturalistas atuavam, portanto, como economistas e etnógrafo, coletando as técnicas nativas de transformação.

Portanto par desenvolver a expedição e torna-la científica, nossos viajantes recorreram a vários autores utilizados para subsidiar seus apontamentos, demonstrando preocupação científica em seus métodos e propostas para a extração dos produtos naturais, ou seja, procuravam se apoiar nas teorias, em grande maioria de químicos, para garantir um bom embasamento para seus relatos e experiências.

Durante a expedição foram solicitados por Vicente Jorge dias Cabral e pelo Vigário Joaquim José Pereira, ao governador e Capitão-mor Dom Diogo de Sousa, livros que serviriam para subsidiar suas observações. Maria Beatriz Nizza da Silva (2013, p.36) relacionou alguns autores cujas obras muitos viajantes levavam nas expedições: Lineu, Tournefort, Bomare, Valerius, Brisson, Réaumur, Marcgraf e Piso. Também identificamos nas memórias principalmente do Vigário de Valença, a utilização desses autores, para as descrições dos métodos utilizados por ele.

Marcelo Cheche Galves (2014, p.134), descreve que essa articulação entre os saberes teve no governador Dom Diogo de Sousa uma figura-chave. Conseguimos observar que a atuação do governador era de real importância para o sucesso da expedição. Em 11 de março de 1801, o governador da capitania ordenava ao “Correio Mor desta Cidade encarregado da venda dos livros” que entregasse a Vicente Jorge Dias Cabral “2 Volumes da Meneralogia de Bergman, Memoria de Manuel d’Arruda sobre os Algodoxeiros, Quinografia Portugueza e 1 Jogo do Manual Meneralogico”(GALVES, 2014, p.133), solicitados por Dias Cabral e o Vigário, colocado aspectos importantes sobre a expedição:

Tal ordem transparece dois aspectos importantes: o primeiro, a venda na Casa do Correio de livros não localizados nessa pesquisa, como a *Quinografia portuguesa ou collecção de varias memorias sobre vinte e duas especies de quinas*, de autoria do frei Veloso, publicada em 1799; o segundo, a visualização de um circuito de articulações que envolvia impressão, venda, distribuição, troca de correspondências sobre conhecimentos científicos e expedições exploratórias.

O desenvolvimento dos “estudos” era feito a partir da utilização desses livros. Ao analisarmos os documentos, observamos várias descrições das experiências feitas pelo padre Joaquim José Pereira, tomando como base, por exemplo, os ensinamentos de Lineu e de Domingos Vandelli⁷, dentre outros autores, principalmente químicos, que possibilitou base para o desenvolvimento de sua “pesquisa” pela capitania do Maranhão e Piauí nas *Memórias sobre Produções Nativas do Padre Joaquim Jozé Pereira*, muitas dessas obras enviadas pelo Governador⁸.

As expedições possuíam objetivos concretos de exploração de materiais naturais que pudessem ser encontrados pela capitania, tudo isso fazia parte do que podemos chamar de “estratégias científicas”, a literaturas utilizadas serviam como fomento para nossos viajantes. A utilização de teorias como as *nomenclaturas de Lineu*, servia para demonstrar que o trabalho desenvolvido nas produções das memórias possuía bases teóricas sólidas.

E por isso a importância não apenas das produções da Casa Literária do Arco do Cego, mas principalmente de tradução de obras utilizadas por toda Europa. As ordens vindas do governador eram de produção das chamadas memórias, nas quais os naturalistas deveriam descrever suas rotas e materiais encontrados por eles na capitania. “As orientações dos governantes portugueses a seus representantes nas colônias, no período em questão, destacavam a importância do envio das descrições dos materiais que poderiam ser explorados para o lucro da Metrópole” (FERRAZ, 2000: p.845).

Todo o reino vegetal, animal e mineral deveria ser descritos conforme sua importância, para o desenvolvimento da Metrópole, pelos naturalistas. Maria Helena Mendes Ferraz (2000, p.845-850) aborda que como parte do reino mineral, o salitre deveria ser “estudado”, ou seja, os chamados “viajantes naturalistas” deveriam relacionar os locais de onde se poderia extrair o material, além de indicar os detalhes do processo. As fontes dos materiais nitrogenados, que dariam o salitre, utilizado nos processos de fabricação da pólvora. Basicamente, três fontes poderiam ser enumeradas: 1) as salitreiras naturais, de cujas “terrás” apenas se separava o salitre; 2) as salitreiras artificiais, onde se produziam as “terrás” que dariam o salitre e, 3) o ar, fonte de nitrogênio, um dos componentes do ácido nítrico, passo fundamental para a obtenção do tão desejado material.

⁷ “Foi um dos responsáveis do projeto iniciado ainda no período pombalino. Contribuiu diretamente para a reforma da Universidade de Coimbra, em cujo ensino foram introduzidos os cursos de filosofia, diga-se ciências naturais, e de matemática, que inclua a astronomia” Em PEREIRA, Magnus Roberto de Melo. O conhecimento da Caatinga no século XVIII. In: KURY, Lorelai Brilhante. *Sertões adentro Viagens nas caatingas séculos XVI a XIX*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial Ltda: 2014, p. 114.

⁸ Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) – Maranhão (MA), Projeto Resgate, D. 9555.

A preocupação que se tinha com a falta do salitre e do próprio sal, é debatida por Maria Helena Mendes Ferraz e explicada pela pouca eficiência da extração das salitreiras naturais nas cavernas, os métodos utilizados geravam muito desperdício, por isso a criação das nitreiras artificiais era defendida pelos viajantes⁹.

O padre Joaquim José Pereira, o Vigário de Valença, relata dados importantes que nos ajudam a visualizar melhor como ocorria a exploração dessas riquezas. Analisando seus roteiros, observamos onde encontraram o salitre pela primeira vez, em uma serra perto de Oeiras, no Piauí. “Logo na cidade sevirão pela primeira vez de vestígios de/ Salitre em as casas da minha aposentadoria nos muros / do quintal na terra vizinha a estribaria de d’ hum quarto/ que indicava ter também sido estribaria antigamente.” (AHU- MA, D. 9555, p . 6). O lugar em que nossos viajantes encontraram quantidade significativa de salitre seria o engenho de Brejo, acreditamos que fosse no Piauí. (AHU- MA, D. 9555, p . 6)

Compreendo que a exploração do salitre era algo de grande interesse para o governo português, por isso a expedição tinha a missão de relatar os locais onde deveria ser feita a extração do salitre. Portanto, a criação das nitreiras artificiais era de grande interesse, na opinião de nossos viajantes, por serem mais eficientes na extração do salitre. Retomando o argumento de Maria Helena Mendes Ferraz, sobre a preocupação da com a falta do salitre e do próprio sal. A preocupação com a extração do salitre girava em torno da sua importância bélica para o Império, e da conjuntura bélica que Portugal, vivia principalmente diante a França, por isso:

Junto com o enxofre e o carvão, a matéria-prima da pólvora, o salitre e sua produção local tornaram-se muito cedo objetivos primordiais para as autoridades portuguesas nas colônias. No Brasil o nitrato de cálcio, precursor do salitre, era encontrado em cavernas nas regiões calcárias, formado por bactérias nitrificantes sobre matéria nitrogenada de origem animal (dejetos de morcegos e mocós) (VITA et. al, 2007, p. 1383).

Com base na documentação e nas referências bibliográficas, podemos inferir que esses métodos e as condições de como extrair os minerais eram preocupações permanentes e faziam parte da articulação entre os saberes que estavam sendo diretamente orientados pelo governador Dom Diogo de Sousa. A procura de salitre pelo Maranhão e Piauí e a descrição dos métodos e condições com que se deveria proceder para extração do salitre, faziam parte dos trabalhos feitos por nossos naturalistas, seus escritos eram enviados para Dom Diogo de Sousa e assim demonstrar como os naturalistas desenvolviam seus trabalhos, prestando contas

⁹Sobre as salitreiras naturais e artificiais, a autora Márcia Helena Mendes Ferraz (2000, p. 845-850) descreve todo processo feito para exploração do salitre.

com o ministro Dom Rodrigo de Sousa Coutinho (AHU D.9471). Sendo assim, Cabral também descreve a importância de se extrair também a Cochonilha, para desenvolvimento do comércio de tinta em concorrência como outras colônias, mostrando assim as potencialidades que observava durante a expedição.

Ao analisarmos como ocorria a exploração de riquezas pela capitania, por parte dos governantes dessa região em consonância com a política do príncipe regente Dom João exercida por seu ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho. Tais estudos vêm nos ajudando a compreender, dois aspectos importantes de sua administração: a concepção de ciência em sua forma de governar, através da análise desses colonos cientistas em relação a forma de extração e utilização desses recursos naturais e a importância do conhecimento e exploração desses recursos naturais em prol dos objetivos do governo português, uma vez que os produtos naturais possuíam grande importância bélica, como havíamos explicado sobre o salitre, mineral que servia como principal insumo para a produção da pólvora.

Magnus Roberto de Melo Pereira (2014, p. 500) observa que na complexa conjuntura bélica do período, a autossuficiência na produção de pólvora de boa qualidade era considerada essencial à manutenção da soberania nacional portuguesa na Europa e nas colônias, também preocupação colocada também pelo Vigário (AHU-MA, D. 9555). No entanto, o autor também destaca a importância de outros recursos naturais que também podiam ser utilizados de diversas maneiras, como exemplo, a potassa, matéria-prima essencial para o branqueamento, além do vidro e do sabão, de tecidos, de papel, do açúcar e no preparo de medicamentos e tinturas. Além de produtos como a quina, que possuía grande importância medicinal.

Para ajudar na compreensão desses minerais, muitas vezes citados por Cabral e pelo Vigário de Valença, elaboramos uma tabela destacando de forma geral antigos termos utilizados durante o século XVIII e seus nomes atuais, de mais relevância para compreensão das riquezas que os naturalistas estavam a procura na capitania do Maranhão e Piauí, ressaltando que além dos citados na tabela encontramos outros. Alguns deles já citamos acima e outros encontrados durante nosso estudo, nos possibilitaram entender melhor as experiências descritas nos documentos e de uma melhor noção das riquezas dos reinos mineral, vegetal e animal que os naturalistas encontraram:

RIQUEZAS NATURAIS		
Termos antigos	Nomenclatura atual (significado moderno em itálico)	Significado
Ácido do nitro	<i>Ácido nítrico</i>	Ácido tóxico e corrosivo. Utilizado na produção de fertilizantes e de compostos orgânicos.
Ácido nitroso	Ácido nitroso rutilante, ácido nitroso fogisticado, ácido nitroso fumegante, espirito de nitro fumegante, <i>ácido nítrico</i>	È o acidonitrico
Potassa	<i>Carbonato de potássio</i>	
Salitre	<i>Nitro, nitrato de potássio</i>	Formado da união do acido nítrico com um alcalino fixo funde-se no fogo. Utilizado para fabricação de pólvora.
Cochonilha	Como a superfamília <i>Coccoidea</i> ou a família <i>Coccidae</i> .	Refere-se tanto ao corante cor carmim utilizado em tintas, cosméticos e como aditivo alimentar, quanto ao pequeno inseto (<i>Dactylopiuscoccus</i>) de onde ele é extraído, ou ainda a certos grupos de insetos.
Cânhamo		Madeira para o fábrico de papel
Quilha		Madeira, do qual com espinhaço crescem todas as obras do navio que nela se fundão.
Quinaquina	Uma Casca amargosa e muito corroborante usado na Medicina	Antifebril
Sal de Glauber	Antigamente, o sal deca hidratado era chamado de Sal de Glauber, em homenagem a Johann Glauber (1604 /1670), e tem efeitos laxativos.	Indicação: Purgativo e Laxante

Fonte: AHU- MA, D. 9555, D.8379 (BLUTEAU; SILVA , 1789); Portal da agricultura 2010; Medicamento antigos 2011.

Conclusão

A importância da expedição de Vicente Jorge Dias Cabral não se atém apenas ao fato de seu pouco conhecimento pela história, mas na gama de informações que suas memórias deixaram, dada sua riqueza para desenvolvimento da História da Ciência. Sendo que ao verificarmos como desenvolveu essa expedição. Poderemos verificar como os luso-brasileiros participaram na formulação do conhecimento, na virada para o Oitocentos. Mesmo considerando que o serviço prestado a Coroa Portuguesa teria como um dos objetivos o futuro de “Bacharel Vicente Jorge Dias Cabral, Professor Régio da Cadeira de Retórica” (D. 9557). A procura por uma autonomia na extração e produção dos mais diversos produtos traz a luz as om desenvolvimento de seus escritos e graças ao apoio do Governado Dom Diogo de Sousa e

a política desenvolvimentista do ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Que rodeado de luso-brasileiros executaram as ideias do ministro, com as memórias que produziam com a finalidade de registro e divulgação dos processos de fabricação desses materiais, assegurando o avanço do Império.

Com a vinda da Corte para o Rio de Janeiro no Brasil¹⁰, os planos de consolidar o Império e garantir a estabilidade portuguesa e não apenas de fuga como encontramos em algumas discussões historiográficas, alargada por “D. Rodrigo, no princípio de 1808, foi nomeado Ministro dos Negócios e da Guerra, tendo sido feito, nesse mesmo ano, conde de Linhares” (CURTO, 1999, p. 22). D. Rodrigo continua em um cargo semelhante ao que possuía em Portugal e com duplas formas de fazer política, ou seja, querendo modernizar os campos das ideias, no entanto, assegurar a unidade do Império, sendo essas ações complementares, fazendo parte de um conjunto de tomadas de decisão, que proporcionassem o desenvolvimento econômico, social e intelectual do reino.

Por fim, mesmo destacando a importância da cronologia, é necessário ter atenção principalmente a outras ideias e análises como aborda Diogo Ramada Curto (1999, p. 18), que estudando outros aspectos do governo colonial, nos ajuda na interpretação sobre “a configuração das tomadas de posição do Conde de Linhares e a cultura diplomática aplicada nas relações exteriores.” Propondo visões mais amplas sobre a historiografia portuguesa e brasileira, trazendo a importância que os colonos luso-brasileiros as expedições pelo território colonial, possuíram na “reforma” do Império através do desenvolvendo de estudos científicos.

Referências

a) Documentos

Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) – Maranhão (MA), Projeto Resgate.
Documentos: D. 9555; D.9557; D. 8264; D.8379; D.9471.

b) Bibliografia

BONATO, Tiago. Estudo metodológico de relatos científicos e de viagem no iluminismo português: dois viajantes pelo sertão nordestino. In: *Textos das comunicações apresentadas na VII Jornada Setecentista*. Curitiba, 2007, p. 28-36. Disponível em <http://www.humanas.ufpr.br/portal/cedope/files/2011/12/Estudo-metodologico-de-relatos-cientificos-e-de-viagem-Tiago-Bonato.pdf>

¹⁰ No momento que se transfere a sede do governo colonial português para o Brasil ocorre um movimento de expectativas em relação ao glorioso futuro de um “poderoso império” com perspectiva da fundação de um novo Império. Cf. Maria de Lourdes Viana (1994, p.17).

BLUTEAU, D. Rafael; SILVA, Antônio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa: Volume 1 e 2, 1755-1824

CURTO, Diogo Ramada. D. Rodrigo de Sousa Coutinho e a Casa Literária do Arco do Cego. In: CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de (org). *A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801)*. Bicentenário “sem livros não há instrução”. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda: Biblioteca Nacional, 1999, p. 15-49.

DIAS, Maria Odila da Silva. Aspectos da ilustração no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v.278, jan-mar de 1968, p. 105-170.

FERRAZ, Márcia Helena Mendes. A Produção do Salitre no Brasil Colonial. *Revista Química Nova*. São Paulo – SP : 2000, p.845-850

GALVES. Marcelo Cheche. Saberes Impressos, Correspondências e Expedições científicas. *Revista Outros Tempos*. Vol. 11, n. 18, 2014, p. 119-136.

LEME, Margarida Ortigão Ramos Paes. Um breve itinerário editorial: Do Arco do Cego à Imprensa Régia. In: CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de (org). *A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801)*. Bicentenário “sem livros não há instrução”. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda: Biblioteca Nacional, 1999, p. 77-90.

LYRA. Maria de Lourdes Viana. *A Utopia do poderoso Império: Portugal e Brasil: bastidores da política (1798-1822)*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.

MAXWELL, Kenneth. *A devassa da devassa: A Inconfidência Mineira: Brasil e Portugal(1750-1808)*. Paz e Terra. 2009

MEIRELES, Mário Martins. *Dom Diogo de Sousa, Governador e Capitão-General do Maranhão e Piauí (1798-1804)*. São Luís: SIOGE, 1979.

NOVAIS, Fernando. *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

_____. 'O reformismo ilustrado luso-brasileiro: alguns aspectos'. *Revista Brasileira de História*, nº 7. 1984, p.105 -119

PEREIRA, Magnus R. de M.; CRUZ, Ana Lúcia R. B. Os colonos cientistas da América Portuguesa: Questões historiográficas. *Revista Hist. Reg.* V19, i1.001. Rio de Janeiro. 2006

PEREIRA, Magnus Roberto de Melo. O conhecimento da Caatinga no século XVIII. In: KURY, Lorelai Brilhante. In: *Sertões adentro: Viagens nas caatingas séculos XVI a XIX*. Ed. Andrea Jacksonson Estúdio Ltda: 2014, p. 114-157

_____. D. Rodrigo e frei Mariano. *Revista Topoi*. Rio de Janeiro, v. 15, n. 29,./dez. 2014.p. 498-526.

Portal da química. Dicionário de química. Disponível em:
<http://www.sq.com.br/dicionario/#.> Acessado: 23 de abril de 2015.

RAMINELLI, Ronald. *Viagens Ultramarinas: monarcas, vassalos e governos a distância.* São Paulo: Alameda, 2008.

SANTOS, Nívia Pombo Cirne de. Um Turista na corte do Piemonte: Dom Rodrigo de Sousa Coutinho e o Iluminismo italiano e francês (17778-1790). *Varia História*, Belo Horizonte, Vol. 25. Nº 41: jan-jun, 2009.p. 213-225.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura letrada e cultura oral no rio de Janeiro dos vice-reis.* 1. Ed, São Paulo: Ed. Unesp, 2013.

VITA, Soraya; LUNA, Fernando J.; TEIXEIRA, Simonne. Descrições De Técnicas Da Química Na Produção De Bens De Acordo Com Os Relatos Dos Naturalistas Viajantes No Brasil Colonial E Imperial. *Revista Química Nova*, Vol. 30, No. 5, , 2007. p.1381-1386.